

NARRATIVAS EM CONFRONTO: TAUNAY E A ESCRITA DA MEMÓRIA

Olga Maria Castrillon-Mendes
(UNEMAT)¹

RESUMO: Neste artigo trago algumas reflexões sobre as narrativas que compõem a obra **A cidade do ouro e das ruínas** (1891) de Alfredo D’Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay). Misto de documentos, cartas íntimas e depoimentos oficiais e de populares, a narrativa resulta num discurso dialético perpassado pelo trabalho da memória, ou seja, a memória da guerra, das impressões e sensações sobre a natureza, transformadas em matéria de ficção. Numa cidade cujas origens estão na gênese de Mato Grosso, a ligação entre memória e identidades (POLLACK, 1992) constitui o *entrelugar* do discurso (SANTIAGO, 1982) cujo aparato de composição reconstrói um passado singular na forma como foi inventado (BENATTI, 2000) no século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Identidades. Narrativas em confronto.

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL/UNEMAT. Do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC. CEP 78200-000. Cáceres, Mato Grosso, Brasil.

ABSTRACT: In this article I present some reflections on the narratives that make up the book **The city of Gold and the ruins** (1891) by Alfredo D'Escragnolle Taunay (Viscount Taunay). Joint documents, private letters and official statements and popular, the narrative follows a dialectical discourse (BOSI, 1992) permeate the work of memory, ie, memory of the war, impressions and feelings about nature, turned on fiction. In a city whose origins are in the genesis of Mato Grosso, the connection between memory and identity (POL-LACK, 1992) is the distance between the place of discourse (SANTIAGO, 1982) whose composition apparatus reconstructs a past singular as it was invented (BENATTI, 2000) in the nineteenth century.

KEYWORDS: Memory. Identity. Narratives in confrontation.

Tendo surgido no cenário mundial nas primeiras décadas do século XVIII, Mato Grosso faz parte do processo histórico que contribuiu para formulação da ideia de espaço geográfico distante do centro de poder, portanto, lugar de pouco acesso e muitas dificuldades, de discussões de fronteiras polêmicas em meio a conflitos e relações diplomáticas internacionais, cujas *raias* não só demarcaram um mapa, mas atribuíram sentido à configuração do *Brasil grande* que se tem hoje. Constituiu-se, dessa forma, uma cultura plural em meio a variados sentidos de nação e nacionalidade.

Esse aspecto social, que passa também por questões políticas e econômicas, sempre foi motivo de desacomodação por parte dos intelectuais. Como é possível pensar a diversidade sem que se imprima, em outros moldes, a discussão entre termos antagônicos (quase irreconciliáveis) como “centro” e “periferia”? Questiona-se o sentido de uma produção cultural brasileira que ultrapasse a dissociação dos conceitos local/universal e ganhe o estatuto de simplesmente ser arte/poética brasileira, pois não há como admitir que os considerados pólos de produção continuem a assegurar,

na prática, o que abominam na teoria, tendo em conta um mundo que se desenha de fronteiras díspares.

Nesse aspecto, retomo alguns pontos da conferência de Benjamin Abdala Junior, em Tangará da Serra, durante o XI Encontro de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, em maio de 2011, quando defendeu a concepção do momento de uma “repactualização do mundo”, ou seja, tolerar a diferença, partindo para uma postura de “não ver o Outro specularmente, reproduzindo os próprios atos, mas aprender com ele”. Então, se faz necessário mudar o mecanismo de dizer (e fazer), ou seja, pensar na perspectiva das diversas articulações de modo a não se aprisionar pela forma, mas romper com elas a partir de novas posturas. E esse tem sido um delicado problema no meio intelectual.

Há, nessa abrangência de discursos, um elo com o político e com as relações de poder, que traça limite, demarca estereótipos e contribui para a compreensão da ideia de Brasil nas interfaces da busca do seu sentido enquanto nação, expressa pela ciência e pela literatura, fascinando-se pelas singularidades da diferença. Essas linhas de força provocam certa epopeia da construção de uma memória americana pelas experiências transformadas em textos que constroem imagens plurais da América, compreensíveis nos/ pelos espaços descobertos, nomeados, estabelecidos pelo maravilhoso-exótico que avizinham a história do fantástico e a produção do imaginário dos povos. Portanto, uma historicidade marcada e reconhecidamente modelada por práticas alienantes, embora nos encontremos hoje num outro momento social, mas, talvez, mais cristalizado pelas abalizadas discussões acadêmicas advindas, principalmente, dos centros do poder intelectual.

Sem perder de vista a ideia norteadora que pressupõe a existência de uma produção literária ligada ao conjunto das manifestações (inter)nacionais, o nosso propósito é pensar uma obra que está fora do cânone (embora o seu autor seja muito

conhecido), fazendo emergir elementos da diversidade regional, aspectos literários e extraliterários, colocando-os em sintonia (ou confronto) com o tempo e a história de que fala Mário César Leite ao tratar do regionalismo e identidades de uma cartografia mato-grossense, apoiado na ideia de *elaboração* (e não *mistificação*) de produção de uma diferença cultural do mesmo modo que é produto dela (LEITE, 2005, p. 223).

Desta forma, tentamos ligar os fios que colocam o Visconde de Taunay no centro das discussões *sobre* Mato Grosso, recriando a experiência da prática social dos objetos de representação que fez do Romantismo brasileiro uma estética que contribuiu para construir um modo particular de ver e de sentir o mundo. Pode-se dizer que a partir de uma experiência frustrada de imitar o europeu, o brasileiro encontrou, no Romantismo, uma forma de pensar a sua própria identidade, desvencilhando-se de uma fidelidade imposta. Assim, falha na cópia e tem início certa invenção do Brasil, fortalecida pelos movimentos culturais que se seguiram, principalmente aquele eclodido na Semana de 1922.

Geograficamente, a região *estranha, distante, desconhecida*, repleta de *fatos lendários* que povoaram o imaginário de muitos viajantes e estudiosos foi, significativamente, foco e palco de discussões das fronteiras definitivas do Brasil. Um caso de fronteiras do imaginário, que acompanha o movimento da viagem e liga-se ao sentido do político e das relações de poder que traçaram os limites da soberania portuguesa, pelos balizamentos dos rios Guaporé e Paraguai, dois ícones da paisagem que compõem a moldura e a cena da maioria dos escritos de Taunay². O primeiro está ligado ao autor por acontecimentos familiares, em que a memória do tio

² Adriano Metello, em artigo sobre o sul de Mato Grosso, publicado na **Revista Brasil** n. 77, maio de 1922, faz uma análise das terras, campos nativos, subsolo e aguadas para demonstrar o futuro promissor dessa região no processo de desenvolvimento nacional, no momento em que os interesses do país e do mundo se voltam para ela: *é a Canabaan, que promete – mais que os nossos fallaciosos 'El-dorados' do ouro e da borracha – uma riqueza sólida, estabelecida em bases múltiplas e racionais* (p. 45-53).

Aimé-Adrien Taunay é lida e interpretada como documento (registra e enaltece a figura do biografado). O texto de memória é construído sobre outra memória, num encadeamento de situações narrativas e o lugar – Vila Bela – é palco e cenário de uma tragédia familiar, como está registrado nos períodos iniciais da obra **A cidade do ouro e das ruínas**: “razões de ordem mui particular pessoalmente me prendiam, e ainda hoje me prendem, a essa **desolada** parte de Matto-Grosso e ao *moribundo* povoado de Villa-Bella.” (TAUNAY, 1923, p. 13, grifo meu).

O segundo ícone da paisagem mato-grossense liga-se a Taunay pelo ciclo das águas que formam a bacia do pantanal sulmatogrossense, local das experiências pessoais que foram responsáveis por grande parte do *caráter* da sua obra. Ambos os rios entram na composição narrativa, fundamentando os modos de articulação dos vários elementos naturais que, a partir do que Simon Schama denomina de “camadas da memória” (SCHAMA, 1996), compõem imagens, criteriosamente elaboradas pelo exercício narrativo, formando o quadro imagético que veicula uma ideia de lugar e discute gêneros e mitos, como o das águas, como visto por Mário César Leite (2003), e do isolamento, reescrito, dentre outros, por Alcir Lenharo (1982) e Romir Conde (2003), responsáveis pelos estereótipos criados ao longo dos tempos sobre o interior brasileiro.

Tais aspectos estão em fase de fundamentação, pois são frutos de uma pesquisa em andamento sobre regionalismos, identidades culturais e representações literárias nos espaços amazônicos, portanto, passíveis de reformulações e redefinições. Preocupo-me, assim, numa perspectiva pautada, principalmente, no conceito de “regiões culturais” formulado por Angel Rama (2001) e na ideia de uma ligação entre memória e identidade social, de Michael Pollack (1992). Ambos embasam o nosso pressuposto de que tanto a obra literária quanto as questões da literatura oral parecem encontrar um ponto de referência na tessitura do discurso construído sobre uma cidade cujas origens estão no surgimento de Mato Grosso.

Isso se explica porque entre o documento histórico e a narrativa literária perpassa o exercício da memória enfeixado pelo aparato de composição. O espaço cenográfico, os atores e a história contada, tecidos sem muito controle, surgem numa tentativa de recuperar questões de estética e de literatura, além de historicizar uma fase da história de Mato Grosso. Desta forma, imprime um olhar individualizado que particulariza um tempo histórico, uma parcela da memória, uma imagem continuamente construída pelas sensações e pelo exercício de olhares: do biografado, dos informantes, da literatura consultada, do narrador.

Nesta discussão, avançando a leitura preliminar, focalizo a escritura histórico-literária no que atende ao processo compositivo da narrativa na fronteira entre o documento histórico e a literatura. Como está composta e qual a forma de linguagem utilizada? Como aparece reconstruído o passado de Mato Grosso que o torna único da forma como foi “inventado” por Alfredo Taunay?

Na fronteira narrativa: entre a literatura e a história

Sabe-se da indissociabilidade entre a Literatura e a História. O objeto de ambas é o homem em ação concreta ou na ficção. Uma se realiza no dinamismo das civilizações; outra apropria-se da realidade histórica, transformando-a em realidade estética pelo imaginário. Nos dois casos, o diálogo se faz com vistas à compreensão geral da História, que recebe do espírito romântico não só o conceito, mas a efetiva percepção do homem como ser histórico, na *praxis* e no pensamento.

Nessa perspectiva, o estudo do conjunto da obra do Visconde de Taunay coloca o pesquisador na fronteira entre as áreas, respeitadas as particularidades analíticas e as singularidades de cada uma. O tecido narrativo indica pistas que ajudam a construir os

elementos caracterizadores do discurso que se busca analisar. Então, o fato de determinados elementos da obra de Taunay pertencerem a uma região específica não quer dizer que ela (a obra) se regionaliza, mas acentua a noção de que a memória nacional (pretendida pelo autor) constitui a forma mais completa dos anseios nacionais à época de sua realização. Nesse entrelugar de criação e nos espaços carregados de contradições e do sentimento de “não estar de todo”, caracterizado por Julio Cortázar, é possível compreender metaforicamente a coexistência pouco pacífica entre as culturas.

Ao narrar sobre a cidade de Vila Bela, Taunay utiliza-se de artifícios de composição que atendem, de certa forma, às necessidades contemporâneas de ver a relação da língua com a história, ou a história dentro do acontecimento da linguagem. Lugar que nos coloca no diálogo entre áreas e no movimento da escrita que parece passar pelo movimento da viagem a que faremos referências posteriores.

A obra foi publicada em 1891, na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (Tomo 54), com o longo título *A cidade de Matto-Grosso (antiga Vila Bela), o rio Guaporé e sua mais illustre victima*, primeira parte (completa), contendo 22 capítulos, com subtítulo explicativo “estudo histórico”. A segunda parte, com 31 capítulos que se perderam, conforme nota explicativa do prefácio da segunda edição (1923), organizada postumamente pelo filho Afonso Taunay, está acrescida de mais sete capítulos. Nessa edição, foi feita a atualização da linguagem além de complementação em notas de rodapé e pequenos resumos no início de cada capítulo, características formais responsáveis pela clareza do discurso e organização temática requerida pelo organizador, dada a dispersão sofrida pelos originais.

Temos, então, um *tempo histórico* representado (séculos XVIII/XIX); uma *figura emblemática*, Adriano Taunay (um artista-viajante possuidor do mais fino sentimento de paisagem), e uma *cidade*, Vila Bela da Santíssima Trindade (sede do governo colonial em Mato

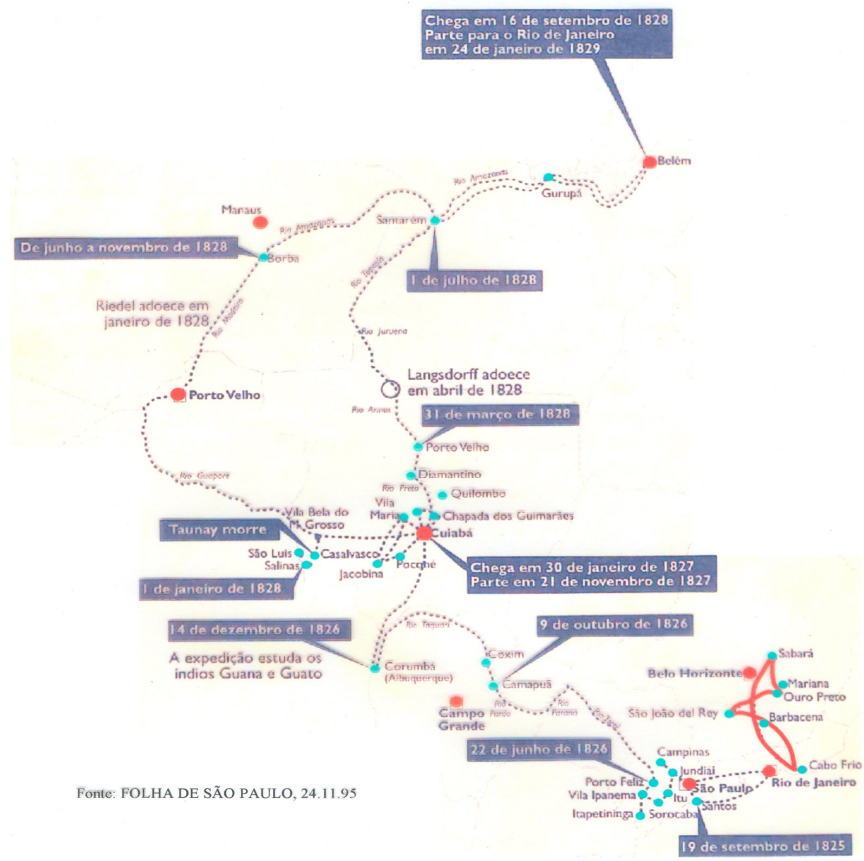
Grosso). Portanto, quase dois séculos de história tecidos por peças que são partes distintas unidas pelo fio da memória. Esse conjunto pressupõe o propósito de ligar os elementos da obra num todo orgânico para se pensar o Brasil a partir do interior. O que isso pode significar para os objetivos deste estudo?

O lugar é uma cidade oitocentista (fundada com o nome de Pouso Alegre) à beira do rio Guaporé, “no ponto mais ocidental possível do então reino português, *escolhido* como sede da Capitania pelas *condições propícias* de terreno, solo e *possibilidades de defesa*” (FERREIRA E SILVA, 1998, p. 134-5, grifos meus). Foi a primeira sede da Capitania de Mato Grosso, portanto, liga-se às discussões de/sobre fronteiras brasileiras. Ficam expressas, desta forma, a vocação e o destino temporário aludido no título da segunda edição: “a cidade do ouro e das ruínas”. Na obra, um cenário de busca de solidificação dessas fronteiras, de resultado do ideário iluminista – através da eminente figura do Marquês de Pombal – e de uma tragédia familiar, enfeixando muitas histórias de Mato Grosso que vêm à tona a partir de personagens emblemáticas da Guerra da Tríplice Aliança com o Paraguai, contemporâneas dos acontecimentos vivenciados pelo Visconde de Taunay. Fatos recortados que compõem quadros que esgarçam o tecido dos acontecimentos políticos, indissolivelmente ligados na/pela escrita.

No centro da narrativa, está a figura de Adriano Taunay, ou seja, até certo ponto o tio-artista é o mote; depois, a estratégia do discurso recai sobre a figura do narrador, participante do episódio histórico da retirada da Laguna e, por isso, marcado sensivelmente pela experiência em Mato Grosso, para, finalmente, dar lugar à macro-história do Brasil, centralizada na/pela cidade de Vila Bela.

Adriano Taunay veio para Mato Grosso numa viagem científica, como desenhista da conhecida Expedição do Cônsul Langsdorff (1825-1829), que percorreu o interior do Brasil, em direção a Mato Grosso e regressando pelo Amazonas e Pará, conforme pode ser visto no traçado ao lado.

ROTEIRO DAS EXPEDIÇÕES DE LANGSDORFF



© Eng. Adilson Reis (223-2015)

No percurso quase épico do movimento da viagem, a Expedição Langsdorff teve profícuos resultados científicos e muitos acontecimentos trágicos. Um deles foi a morte acidental do artista no rio Guaporé. Fato marcante na memória do sobrinho Alfredo Taunay, que foi levado a ocupar-se de Vila Bela para, não só pagar um tributo ao ilustre membro da família, precocemente desaparecido, mas, principalmente, para dar conta de um trabalho de memória que parece se revestir de propósitos mais fortes. Em

1891, Taunay estava escrevendo suas *Memórias*³. Vivia, portanto, a fase da vida de certo afastamento das atividades políticas e de intenso labor intelectual que se liga ao que diz Michel Pollak, no sentido de não se tratar mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados (POLLAK, 1989, p. 4). Desta forma, as peças se juntam no mosaico narrativo, dimensionando a compreensão do particular para o geral e universal.

Então, trazer à tona a figura do tio em obra específica pode ser uma contribuição no processo de revelação não só dos conhecimentos sobre Mato Grosso, mas de colocar a própria família no centro da vida artística e política brasileira. E isso caracteriza um dos pontos mais interessantes da obra. A junção da memória e da história aliada a estudos em documentos, cartas trocadas entre familiares e amigos, depoimentos dos mais variados e um farto referencial de textos de viajantes, faz da narrativa memória documental de uma parte de Mato Grosso e um monumento literário pela composição próxima da reinvenção, ou trazendo ideias de Antonio Paulo Benatti, a “diluição, nas artes e na literatura, das fronteiras (fictícias) entre o real e o imaginário; enfim, todos os fenômenos da multiplicidade.” (BENATTI, 2000, p. 98). Lembre-se aqui que, para uma narrativa da segunda metade do século XIX, Taunay coloca-se na vanguarda de uma escritura, senão apenas de conflito, como quer Benatti, mas plural, no sentido de colocar-se como condutora do processo de sobrevivência de uma memória que assume a forma de mito, tal a densidade com a

³ Esta obra de Taunay surgiu com o título de **Trechos da minha vida**, cujos originais foram depositados na Arca do Sigilo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1892. Na abertura da Arca, em 1946, os manuscritos encontravam-se em perfeito estado de conservação e, em 1948, seu filho Afonso Taunay, faz a sua primeira edição acrescida de outros inéditos. Nela Taunay faz comentários contundentes sobre o país, a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai da qual participou como relator do diário de campanha por duas vezes, além de traçar sua biografia e revelar fatos “inoportunos” para a época. Daí o seu interesse em guardá-las por tanto tempo fora da leitura dos contemporâneos (cf. TAUNAY, 1948). Conferir, também, dessa obra, a edição de Sérgio Medeiros (São Paulo: Iluminuras, 2004).

qual a figura do biografado é retirada do controle do universo individual para o coletivo.

Dessa forma, a relação de Taunay com a cidade de Vila Bela é visceral; prende-se às memórias da infância quando seu pai contava, “com lágrimas nos olhos e tremor na voz”, sobre os “tristes lugares” onde ocorreu “o sinistro” nas águas revoltas do rio Guaporé, “à vista de Villa-Bella, arrebatando à existência seu irmão mais moço, Amado Adriano Taunay, em pleno desabrochar do mais precoce e admirável talento.” (TAUNAY, 1923, p. 13-4). Tantas e tão fecundas foram as histórias, relatadas em cartas e gravadas em desenhos e relatos enviados sistematicamente à família, que as lembranças afloram densas na narrativa, com pormenores próprios de um observador atento às características de uma região que fez parte dos projetos nacionais e onde Taunay plasmou-se, do menino que ouvia aguçadamente as histórias contadas, para o arguto observador de novos mundos.

Desde o início, então, a narrativa se constrói em múltiplas pinceladas da memória: informações sobre a vida do tio Adriano, as impressões sobre o palácio em ruínas dos antigos capitães-generais que governaram a Província de Mato Grosso, os “frescos que o adornavam, os painéis que encerrava” (TAUNAY, 1923, p. 14) – cenário de uma intensa vida cultural na colônia, como demonstra Carlos Moura (1976 e 1976a) nos estudos sobre o teatro e as artes plásticas em Mato Grosso. Narrativa entrecortada por outras narrativas, bifocada constantemente com interferência subjetiva do narrador. Um cruzamento de discursos sem atitude crítica, pois a memória do tio lida e interpretada como documento, carrega o estatuto de verdade. O narrador faz-se historiador municiado pela viva consciência dos fatos que assumem perspectiva particular. Em estudos do conjunto de sua obra verificam-se posições críticas muito reduzidas. Note-se que, nas buscas sobre Adriano, encontram-se incorreções e divergências nos relatos dos viajantes José Gonçalves da Fonseca e Ferreira Moutinho, como argumenta o próprio narrador das memórias (TAUNAY, 1923, p. 77-82).

Entre cartas, manifestações de pesar pela morte do tio, poemas escritos pelos seus irmãos – que fazem parte do acervo do pai Felix Emilio – Taunay narra outras histórias: aquelas ouvidas por ele mesmo durante a sua estada entre as regiões de Coxim e do rio Aquidauana na campanha da Guerra. Dentre elas as de uma figura popular antológica, Cardoso Guaporé, “um homem de cor” que personifica a própria memória oral, trazendo a marca de um discurso que se liga à grandeza setecentista de Vila Bela.

Entre os fugitivos havia um homem de côr, um preto velho, muito velho, de mais de 80 annos e de nome Cardoso Guaporé, antigo collector da villa de Miranda e que alli gozára de certa importância (...) filho da cidade de Matto Grosso, ao ouvir pela primeira vez pronunciar o meu nome, mostrou-se sobremaneira admirado e sem vacilar, mas com visível sofreguidão, logo me perguntou:

-Será porventura o senhor parente de um Adriano que se afogou no rio Guaporé e foi enterrado na igreja de Santo Antonio, isto pelos annos de 1827 ou 1828?

- Sou seu sobrinho, respondi-lhe em extremo surpreso de encontrar naquelles ínvios recôncavos um conhecido da família, que remontava á occurrencia já tão antiga. Era irmão de meu pai.

-Ah que homem aquelle! Exclamou o velho. (TAUNAY, 1923, p. 44-5).

Cardoso Guaporé, como elemento da memória discursiva, é o material fornecido pela história (POLLAK, 1992), e sua figura aparece ligada à grandeza e à decadência de Vila Bela. Neste caso, o informante carrega o conhecimento mais amplo do que se está narrando e, do seu depoimento, Taunay faz viva e efusiva transposição que é narrada com sôfregos qualificativos:

E, sem mais se occupar com o momento presente, que lhe trazia comtudo tantas surpresas na sua vida de refugiado e de occulto nas mattas, começou o mais *ardente e exaltado panegyrico do illustre mancebo*, das suas qualidades proeminentes, sua *coragem indomável*, sua *alegria incessante*, sua *actividade estupenda*, sua *generosidade illimitada*, suas *aptidões*

inexcedíveis de músico, desenhista e poeta, sua *habilidade* em nadar, caçar e jogar armas, sem esquecer a *notável e impressionante beleza, atrabente e masculina*, que lhe fazia correr mil aventuras de amor e lhe valia tantas e tão espontâneas dedicações, até aquelas que poderiam pretender rivalidade. (TAUNAY, 1923, p. 45, grifos meus).

Os adjetivos fartamente utilizados, mais que caracterizar uma narrativa de época, pretendem emoldurar o biografado num quadro de referências que centralizam o olhar da história para a multiplicidade dos acontecimentos coletivos, ou uma causalidade determinante do processo de composição que estrutura a ação temporal no espaço narrado. Quem narra, portanto, conta uma história que se representa pela atividade simbólica, produzindo deslocamentos, mais líricos ou mais retóricos, cujos enunciados resultam numa seleção contínua da memória.

Num leque de possibilidades confrontadas em situação de depoimentos coletados por lembranças, outro informante é o tenente-coronel João de Oliveira Mello⁴ “esse amigo que nunca avistei, mas com quem, há annos, me correspondi animadamente, por *sympathia* e apreço aos seus serviços, tem uma história, ou antes, um trecho de vida digno de ser commemorado e reproduzido”. (TAUNAY, 1923, p. 48-9).

Desta forma colocada, a figura do biografado canaliza os pontos de interesse do escritor, como se o espaço da Corte carioca,

⁴ Rubens de Mendonça diz que este militar já estava esclerosado quando prestou as informações para esta obra (Cf. Discurso e recepção do acadêmico Pedro Rocha Jucá por Rubens de Mendonça. In: **Revista da Academia Mato-grossense de Letras**. Cuiabá, 2000, p. 186-192). Entretanto, encontram-se trechos que denotam que Taunay fazia cruzamento de dados, como este: “Fez Castelneau a viagem de Villa-Maria a Matto-Grosso pela estrada de que falla o Sr. Oliveira Mello e, referindo os incidentes da sua jornada, mostra-nos a importância que tivera aquella linha de comunicação” (...), (TAUNAY, 1923, p. 74-5). Ou em outros em que demonstra a falha de datas na *Notícia da situação de Matto-Grosso*, de José Gonçalves da Fonseca (ibidem, p. 77) e inexatidões, exageros e improbidade em *Notícia sobre a Província de Matto-Grosso*, de Ferreira Moutinho “o qual encerra indicações bem curiosas e aproveitáveis, e de permeio muitos trechos de duvidoso acerto, ou exagerados ou copiados sem discreção de outrem e até de simples jornaesinhos” (ibidem, p. 78).

à época efervescente da cultura implantada por D. Pedro II, se resumisse naquele pequeno mundo do interior *mais distante* da nação. Do vivo interesse imperial de alastrar os ideários monárquicos aos mais distantes espaços nacionais, uma figura – um jovem que se “sacrificou” na flor da juventude (lembre-se das dificuldades pelas quais passou a Expedição Langsdorff) – representa o ideal de uma nação que deveria ser construída por grandes homens, que estavam dispostos a entregar a própria vida, se preciso fosse, no cumprimento de uma “missão”.

Esse espírito de *sacrifício missionário* aliado ao serviço das causas nacionais, tão disseminado pelos ideários monárquicos, motivado, talvez, pelas concepções do filósofo Ernst Renan⁵, mobilizou o próprio Visconde de Taunay quando de sua participação no episódio da retirada da Laguna durante a Guerra com o Paraguai. Não é aleatório, portanto, que a narrativa seja dedicada “À sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II (...) um dos mais nobres vultos da humanidade e o mais glorioso dos brasileiros (...)” (op. cit., p. 3 e 5).

Vista desta forma, a História vazada na obra conduz às discussões mais amplas como fronteiras definitivas do Brasil colonial, trânsito de cientistas, demarcadores de fronteiras, naturalistas, artistas, povoamento, ascensão e decadência de um lugar – “ouro e ruínas”, como traz o título, portanto, um ciclo completo da história de Mato Grosso centralizada na memória individual. Urdidos os fatos e a trama, irrompe uma escritura nos liames entre o real e o imaginário em que os fenômenos se multiplicam em descontínuos e sucessivos mundos históricos, resultando num texto perpassado não só pelo movimento do olhar, mas pelo deslocamento provocado pela

⁵ O historiador e filósofo Ernest Renan (1823-1892) era muito lido no século XIX e suas obras fazem parte do acervo de grande parte dos intelectuais das primeiras décadas do século XX. Para ele a História era feita por grandes homens, por isso tomava como protótipo de suas idéias o Imperador romano Augusto. Em sua obra *¿Que es una nación?* resume o conceito de nação como *princípio espiritual, valores, costumes e educação transmitida hereditariamente*. O Imperador D. Pedro II era leitor e amigo do filósofo (grifos meus).

viagem. E isto vai nos interessar como mais um mecanismo do processo que engendra a narrativa.

Viagem e literatura

O que significa viagem e qual o objetivo desse movimento humano que ao longo dos tempos tem contribuído para a construção dos sentidos de povo e de processos identitários? Se à viagem une-se a concepção de mobilidade, de ocupação de espaços, de construção de imagens e, dentre outras variáveis, de registro do vivido e do observado, concebemo-la a partir da relação do viajante com o seu tempo e na diversidade das percepções do mundo. No percurso dos sinais apresentados por essas narrativas é possível construir um mosaico de alternativas para se pensar o Brasil e a América, a partir de questões que dimensionam o próprio conceito de viagem, de viajante e de relatos de viagem, preocupação que subjazem às minhas investigações.

Meu argumento é, portanto, que a viagem e os registros de campo dela decorrentes sistematizam um projeto que acompanha o ideário de época, provocando amadurecimento da consciência naturalista e do modo de significar das sociedades que transformam as relações entre a história e a ciência. Quaisquer que sejam os conceitos trabalhados na direção de compreender o movimento da escrita e da relação cultural resultantes desse processo de conhecimento, percebe-se um narrador que emerge do seu tempo e nas diferenciadas formas de percepção do mundo. Afina o olhar e os sentidos para os novos paradigmas traçados pelo século XX quando a multifacetada questão do gênero ultrapassa o registro do viajante e ganha dimensão de literatura e de arte.

É sabido que o Brasil foi construído a partir de imagens que a Europa fornecia através dos relatos dos viajantes que referendavam as explicações sobre o Novo Mundo, cujos parâmetros estavam baseados nas experiências externas ao próprio

local. Construiu-se um sentido de América sob os mais diferentes estigmas a partir do descobrimento das terras em situação de serem exploradas e povoadas, como alinham os debates de concepções sobre o continente e seus habitantes apresentados por Antonello Gerbi (1996).

Nesse moldura, interessa-nos as relações entre os relatos de viagem e a construção das identidades plurais que compõem o nacional, mais especificamente, aquelas que nos fazem pensar sobre *um* conceito de/sobre Mato Grosso que nos conduz a compreensões para além das imagens estereotipadas que marcaram a forma como fomos vistos e escritos pelo olhar de fora, poucas vezes reconhecido.

O gênero literatura de viagem é, portanto, assunto vasto e polêmico, mas não há como fugir da sua problematização neste momento. Do relato como resultado do encantamento, como fonte de emoções atuantes sobre a sensibilidade do observador e como meio para compreender, interpretar e criar uma imagem do Brasil (a viagem em nome da ciência) há um longo caminho a percorrer. Desta forma, o gênero parece se definir como o deslocamento físico do autor pelo espaço geográfico por tempo determinado e a transformação do observado e do vivido em narrativa. Um estilo que une o estético ao labor científico. A união de ciência e poesia é tendência inspirada em Alexander von Humboldt, no início do século XVIII, quando se concebiam os trópicos como lugar da comunhão do homem com a natureza. Uma descrição que produz no leitor o prazer que a mente sensível recebe da contemplação imediata da natureza. Desta maneira, Humboldt introduz o sentimento de natureza nos relatos de viagem, inaugura novos métodos de experienciar a viagem e contribui para as mudanças do pensamento sobre a inferioridade do Novo Mundo. Participa, assim, do processo de construção do narrador de ficção, como estudado por Flora Süssekind (1999) ao percorrer os textos que, no Romantismo brasileiro, bebem na fonte dos viajantes e começam a configurar a figura do narrador literário.

Por isso, a viagem, ao longo dos séculos, tem contribuído para redesenhar a cartografia universal pela incorporação de novas geografias no universo do conhecimento. O viajante é, então, o indivíduo *de fora* que observa, analisa, pesquisa, compara e avalia, o que lhe permite descobrir novos parâmetros e criar. Desta forma, cada época gera acontecimentos que se revelam emblemáticos para as transformações do mundo, pois o viajante opera “travessias”, para lembrar Octávio Ianni (2000), pois há sempre algo de coletivo no movimento, nas inquietações, nas descobertas e nas frustrações dos que se encontram, criando elementos de tensão, de conflitos e mesclando ou dissolvendo concepções e valores.

Nesse sentido, a viagem é reconstituidora de lugares simbólicos e do movimento que registra saídas, chegadas, movimentos de interiorização ou de desterritorialização. Ou seja, coloca o indivíduo e as ideias em outros lugares, gerando novos conceitos que permanecem em circulação, reverberando sentidos vários. Tais escrituras, traçados de “quadros” imagéticos, espaços de representação de singularidades entram na composição de experiências intersubjetivas e coletivas. Delas surgem noções de raça, de povo, de paisagem, de espaços de significação na sobreposição, deslocamentos e entrelugares da diferença em que foram e são negociadas as representações de poder corroboradas pela linguagem, neste caso, performativa, aquela que se manifesta no/pelo acontecimento em que se operam mudanças de *status* tornadas socialmente válidas.

Tal mobilização, ligada pela viagem (real ou imaginária), é uma forma de autodescoberta ou de conhecimento do outro, como se vê no texto em estudo. Narrativas entrelaçam-se nos fragmentos da memória que tecem a histórias de vida (do escritor, do biografado, da família). Ou seja, numa ligação entre identidade individual e identidade nacional, tenta-se encontrar uma forma de apreender os vestígios de memórias outras para interpretar realidades subjacentes a tais percepções e, penso, sobretudo, em Michael Pollak (1992) que faz essa relação entre memória e identidade

social como colocado anteriormente. Refiro-me, portanto, a uma *reconstrução de imagens* que integram lugares, símbolos formados a partir da experiência de viagem, como tentamos ler **A cidade do ouro e das ruínas**.

As imagens, portanto, constroem pausas na narrativa entrecortada por outros documentos. Neste caso, o diário é visto como relação do acontecimento ou como memória, relato e crônica – seriação datada dos fatos cotidianos – e remete a pequenas histórias (prolongamentos), implicando naquilo que Phippe Hamon denomina de uma subjetividade em que o sujeito constitui o seu traço distintivo, pois a enunciação é que interessa em primeiro plano, inscrevendo o processo de produção e a forma como o sujeito se insere naquilo que diz. (HAMON, 1976, p. 60).

Assim, a necessidade de contar fornece o prazer do discurso que gera o conhecimento do fato narrado. De certa forma, é como Taunay compõe as imagens decorrentes dos variados textos e contextos explorados. São notáveis as particularidades descritivas, pois o narrador está tomado pelos acontecimentos num processo de recriação histórica.

Então, não é uma questão do simples uso da tradição que se discute, mas sua reencenação em outras temporalidades culturais. E o que é tradição? O que significa pensar na produção “de margem”, nos aspectos “regionais”, num conceito de Mato Grosso? Essas questões possibilitam realinhamento de conceitos que se busca compreender a partir dos resultados do movimento da viagem, da escritura resultante dela e, conseqüentemente, das anotações da viagem transformadas em ficção, como acontece com o escritor em estudo.

Percorrendo o traçado da cidade feito pelo olhar atento do Visconde de Taunay compreende-se a relação entre o registro da história, que repousa sua origem no século XVIII, e a confecção da obra que fica entre a estética da linguagem e a narrativa histórica.

Há uma preocupação com o espaço geográfico porque este representa a moldura do quadro. Então, a eficácia da imagem resulta no fato de ela ser “representação dos resíduos das sensações” (WELLEK & WARREN, 1955, p. 235), tornando-se quase um símbolo.

Essa composição gera um jogo de espelho onde imagens invocadas como metáforas do lugar passam a fazer parte do sistema de representação desse lugar, o que acontece, de forma generalizada, nos relatos dos viajantes e, principalmente, com as anotações de Alfredo Taunay em cadernetas de campo que, de certa forma, passaram a fazer parte da gênese de sua produção, como já tive oportunidade de analisar⁶.

No jogo narrativo a figura do “herói” é colocada em pauta para relacionar-se ao biografado. Tanto é heroicizado o homem como a cidade que teve seus dias de glória e decadência. A perda da vitalidade parece ligar-se à transformação sofrida pelo próprio país que, sob o ponto de vista de Taunay, de um regime “puro” como o monarquista, passa à república fadada ao insucesso. Vila Bela pode ser vista como o protótipo dessa mentalidade.

[...] fundada expressamente para capital de toda aquella afastada e larga zona, incremento material expresso em obras, cujas ruínas hoje e, scientes de cousas do passado, ainda encontram, naquelles outr’ora florescentes paramos, *vestígios eloqüentes de extintas grandezas*, que jamais voltarão (...) e, á medida que os tempos vão se desdobrando, perdem esses mesmos vestígios a sua eloqüência e qualquer significação até, chegando afinal dia em que *fiquem de todo mudos e fechados á meditação daquelles que*, levados por doloroso estímulo, *tentem no estudo e na contemplação de destroços e escombros reconstituir épocas idas e fazer reviver largos e promissores trechos de historia*, que findaram em desastres, abandonos e irremediáveis tristezas. (TAUNAY, 1923, p. 11-12, grifos meus).

⁶ Cf. os artigos “Paisagem e memória da ficção do Visconde de Taunay” (**Revista Alere** n° 2. Tangará da Serra-MT, dezembro, 2009 (29-35) e “O diário de viagem em Taunay e Mário de Andrade” (**Revista Ecos** n° 2. Cáceres-MT: julho, 2004 (15-19).

Casas que desabaram; matto que ainda mais alteou nas ruas; inundações do Guaporé que levaram os restos do cães de outr’ora e cavaram fundo nas barrancas; esboroados e largos *pannos de muralha que tombaram*; *gente que diminuiu* (e já era tão pouca!) uns mortos, outros que emigraram, tangidos pelo desespero e pela falta de recursos; arvores que cresceram invasoras e á solta, gigantes da floresta em plena povoação, dominando no seu magestoso vigor e no sempre renascente alegria os *destróços da obra dos homens*. [...] (TAUNAY, 1923, p. 12-13, grifos meus).

A imagem de destruição é evidente. O próprio biografado desabafa em cartas à família: “*Tout reproduit l’image de la mort*” (ibidem, p. 28). Tais dizeres criaram o sistema imagético de circulação da memória substantivada em isolamento, desolação e destruição, distâncias e intempéries, termos que farão parte do sistema simbólico de Mato Grosso que chega a ser, até certo ponto, mítico, como mítica se apresenta a figura de Adriano. Sucede que a cidade como eixo norteador da memória é depositária de um passado de glórias que produziu homens, documentos e monumentos ainda hoje visíveis em suas ruínas que teimam em resistir ao tempo (a à depredação), como nos fragmentos acima que reinterpretem o passado.

Por fim, a imagem de Adriano Taunay é colocada como superior à própria cidade, fixando um lugar de memória indizível, mas marcada de forma mais completa pela memória coletiva que adquiriu poder de circulação.

De tal maneira o exercício da escrita funcionou no labor literário do escritor que a junção de documentos e de depoimentos orais, somados à prodigiosa memória de que era dotado, faz da obra **A cidade do ouro e das ruínas** um misto de memória e história que traduz a tradição escrita de Taunay, entrelaçando-se a uma determinada tradição oral de fontes. Nessa proliferação de escritos, Taunay posiciona-se como escritor em constante exercício da escrita. Recria suas impressões e lembranças, relê seu contexto à luz do contexto do biografado e revisita a memória.

Com isso explica-se a reflexão de Simon Schama (1996) sobre a capacidade que o artista tem de reproduzir, no quadro, uma cena que está sendo narrada. Quem vê (ou ouve) dá conta de construir imagens em que vários elementos inconscientes estão envolvidos no processo das lembranças. O motivo de um “quadro” (ou de um texto escrito) é fruto de superposição de imagens, ou seja, são construtos imagéticos já dominados. Imagem e representação são espaços simbólicos impossíveis de “pureza”, mas na posição bipolar associação/dissociação de pontos de vista e de posição ideológica do artista captados pelas impressões na retina.

Meu argumento é, portanto, que a viagem e a escritura dela decorrente, como no caso da narrativa de Taunay, sistematizam um projeto historicizado no/pelo discurso, provocando diferentes formas de significação das sociedades, transformadas pelas relações de poder.

Quaisquer que sejam os conceitos trabalhados na direção de compreender o movimento da escrita e da relação cultural resultante desse processo de conhecimento, percebe-se que o narrador, no exercício das diferentes formas de percepção do mundo, afina o olhar e os sentidos para os novos paradigmas traçados, e que a multifacetada questão do gênero ultrapassa o registro do viajante e ganha dimensão de literatura e de arte, mesmo que entrecortadas pelo mosaico de composição, como se viu.

Desta forma, estamos querendo argumentar que o estudo dos relatos de viagem não se esgota com as descrições do descobrimento que, durante quase três séculos, dominaram o leitor europeu e brasileiro. Inicialmente, os relatos atendiam a propósitos éticos e de política nacional e internacional; depois, passaram a se interiorizar, a se subjetivar, influenciados que foram por Goethe, Rilke, Rousseau e Xavier de Maistre, cujas obras podem ter sido fontes de leitura do escritor.

Portanto, a contribuição de Taunay torna-se fundamental, levando-nos tanto à compreensão do complexo de formação dos

processos identitários, quanto à construção do sentido de nacionalidade pelo viés da história, da memória e da escritura. As *impressões e lembranças* são recriadas pela releitura do contexto e pelo papel exercido da memória. Nesse processo de absorção, o autor privilegia a construção de uma imagem de Brasil. Imagem, muitas vezes, repetitiva, mas que recompõe quadros de um tempo, de um lugar e de um ideário de época, com pouca renovação do tema. Um trabalho, enfim, de depuramento da memória e de reelaboração constante dos dados coletados.

É deste modo “civilizado” que Mato Grosso vai se constituir pelo conjunto de imagens configuradas pelo político, social e econômico, passando a significar para o Brasil pelos efeitos de sentidos gerados por essas relações de poder. Os efeitos do jogo imagético fundam o espaço de representação artística e historiográfica, ao mesmo tempo em que dão visibilidade a uma região que, mais que lugar de origem, é um espaço cultural de representação.

Com a História dialogamos há algum tempo na Unemat e temos construído um locus salutar e promissor de produção que tem propiciado as reflexões sobre gênero, o papel do escritor no panorama do Romantismo e as ponderações mais abrangentes que envolvem a história a arte e a literatura. Deste modo, postulam ideias seminais sobre a formação sócio-histórica de Mato Grosso e o processo de constituição das diversidades culturais.

Referências Bibliográficas

BENNATI, Antonio Paulo. História, Ciência, Escritura e Política. In: RAGO, Margareth et al (Org.). **Narrar o Passado, repensar a História**. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2000.

FERREIRA, João Carlos Vicente & SILVA, José de Moura (Pe.). **Cidades**

de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes. Cuiabá: J.C.V.Ferreira, 1998.

GARCIA, Romir Conde. **Mato Grosso (1800-1840):** crise e estagnação do projeto colonial. 2003. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP/São Paulo.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo:** história de uma polêmica (1750-1900). Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HAMON, Phillipe. O que é uma descrição? In: ROSSUM-GUYON et al. **Categorias da narrativa.** Lisboa: Vega, 1976. p.56-75.

IANNI, Octávio. Cidade e Modernidade. In: _____. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000. p.123-137.

LEITE, Mário César Silva. Literatura, Regionalismo e Identidades: cartografia mato-grossense. In: _____. (Org.). **Mapas da mina:** estudos de literatura em Mato Grosso. Cuiabá-MT: Cathedral Publicações, 2005. p. 219-254.

_____. **Águas encantadas de chacororé:** natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal. Cuiabá: Cathedral Unicen, 2003.

LENHARO, Alcir. **Crise e mudança na frente oeste de colonização:** o comércio colonial de Mato Grosso no contexto da mineração. Cuiabá-MT: Imprensa Universitária, 1982.

MOURA, Carlos Francisco. **O Teatro em Mato Grosso no século XVIII.** Belém/SUDAM; Cuiabá: EDUFMT, 1976.

_____. **As Artes Plásticas em Mato Grosso nos séculos XVIII e XIX.** Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso e Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT, 1976a.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social.** Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-12.

RAMA, Angel. Regiões, Culturas e Literaturas. In: AGUIAR, F. & VASCONCELOS, S. G. T. (Orgs). **Ángel Rama:** literatura e cultura na América Latina. Tradução Raquel La Corte dos Santos et al. São Paulo: Edusp, p. 281-336, 2001.

SANTIAGO, Silvano. **Vale quanto pesa** (a ficção brasileira modernista).

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 25-40 (mimeo).

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **A cidade do ouro e das ruínas**. Segunda Edição. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

_____. **Memórias do Visconde de Taunay**. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

WELLEK, René & WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1955.